

DEPOIMENTO

Luiz Guilherme de Castro

Orientando alunos no concurso “Soluções para Cidades 2011”



Luiz Guilherme de Castro é arquiteto, graduado pela FAUUSP (1986), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1998) e doutor o em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAUUSP (2006).

É professor pesquisador na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, coordenando a sequencia de disciplinas de Planejamento Urbano e desenvolvendo pesquisa sobre temas do urbanismo contemporâneo.

Faço aqui algumas considerações sobre minha participação como orientador no trabalho desenvolvido por Thaila Veronezi e Gustavo Morasco, que obteve a primeira colocação no Concurso Soluções para Cidades de 2011, promovido pela Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP) e organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo (IAB/SP).

De início, o tema do concurso, Cidades Cicláveis – Rede cicloviária na cidade de São Sebastião do Paraíso – MG, poderia provocar um certo estranhamento. Não tanto pela participação do IAB-SP como entidade organizadora, posto que as questões urbanísticas, arquitetônicas e as relativas à sustentabilidade fazem parte do campo de conhecimentos e práticas da arquitetura e do urbanismo. A ABCP, entretanto, coloca-se como “braço técnico da indústria” de cimento e estabelece como sua missão a consolidação e expansão do mercado de produtos e sistemas a base de cimento; a

representação técnica e institucional da indústria do cimento; a prestação de serviços tecnológicos de excelência e a organização da informação técnica, sua difusão, transferência e capacitação tecnológica¹. Obviamente, uma das condições colocadas no edital do concurso era a utilização de elementos e sistemas construtivos à base de cimento portland, mas as relações entre a mobilidade urbana e as tecnologias e processos produtivos que empregam cimento não são tão evidentes ou imediatas. O estranhamento se dissipa quando acessamos o portal Soluções para Cidades (<http://www.solucoesparacidades.com.br>), mantido pela ABCP, que tem como objetivo a parceria com administrações municipais em três temas principais: habitação, mobilidade urbana e saneamento básico. No portal também vemos que a ABCP mantém convênio com o município de São Sebastião do Paraíso, oferecendo ao município “apoio técnico na elaboração e implementação dos planos de habitação de interesse social, saneamento básico e mobilidade urbana”. As informações que podemos obter sobre a gestão urbana em São Sebastião do Paraíso, tanto no portal Soluções para Cidades quanto no próprio portal da prefeitura, trazem outras indicações sobre os objetivos da atual administração municipal visando a melhoria das condições urbanas, ambientais e de vida da população. Essas indicações nos permitem um início de compreensão do contexto, das relações e das articulações que parecem estar na origem do tema do concurso. E que podem nos remeter a considerações mais amplas sobre gestão integrada de políticas públicas urbanas, governança municipal, parcerias público-privado e abordagens contemporâneas e inovadoras da gestão e planejamento do território em uma perspectiva de sustentabilidade ambiental, econômica e social. Em minha opinião, o concurso, incluindo seus idealizadores, promotores e organizadores mencionados acima, e também as equipes que apresentaram projetos, mostra um caminho possível para a contribuição projetual e acadêmica a esse amplo debate, colocando em primeiro plano o papel do projeto no campo da arquitetura, do urbanismo e da paisagem.

Ter participado desse processo com Gustavo e Thaila foi muito gratificante, independentemente da premiação. E, óbvio, mais ainda com a premiação do trabalho por eles desenvolvido. Na entrevista aqui publicada, meus dois jovens companheiros explicaram as circunstâncias de minha participação como orientador do projeto, atribuindo-me com muita gentileza um papel maior do que penso ter tido. De minha parte, o

1 Conforme nos é informado no portal da ABCP: http://www.abcp.org.br/conteudo/quem_somos/apresentacao/associacao-brasileira-de-cimento-portland.

convite feito por eles muito me alegrou, e chegou em um momento bastante singular. Envolvido na coordenação de uma pesquisa sobre o tema dos espaços públicos em seus aspectos conceituais e projetuais², imediatamente vislumbrei a oportunidade de com eles experimentar algumas possibilidades derivadas do trabalho de pesquisa, principalmente as idéias de compartilhamento das vias públicas e da abordagem do espaço urbano e dos lugares públicos em geral como parte de um conjunto de sistemas articulados, não segregados, entre os quais um dos mais importantes é o sistema da mobilidade. A convivência de diferentes velocidades e modos de transporte possibilita múltiplas alternativas de deslocamento, aumentando a acessibilidade geral das pessoas aos muitos benefícios que as cidades proporcionam como local privilegiado do encontro entre as diferenças – diferentes pessoas, diferentes valores, diferentes modos de vida – que podem contribuir para uma sociedade humana menos individualizante e particularista. Nesse caso, a promoção de uma urbanidade menos agressiva, mais amigável e talvez mais cooperativa, em que o uso da bicicleta, da caminhada e dos transportes públicos venham a desempenhar um papel central, relegando a um plano secundário e complementar o uso dos automóveis e todos os prejuízos econômicos, ambientais e sociais que seu uso intensivo e indiscriminado acarreta.

Acompanhar e participar do desenvolvimento do projeto, emitir opiniões, fazer sugestões em relação aos materiais, às questões e aos desenhos que Gustavo e Thaila colocavam, em um processo aberto e colaborativo baseado em afinidades e em confiança, foi sem dúvida um prazer. E também para mim um aprendizado, à medida que abordávamos questões ainda pouco desenvolvidas e conseguíamos equacioná-las no processo de comunicação e de projeto. Ficamos, penso eu, muito distantes daquela arraigada concepção de orientação de tipo “siga o mestre”. Acredito que assumir o papel de orientador é colocar-se em uma condição de colaborador que - por já ter trilhado alguns caminhos a mais que seus orientandos - pode ajudá-los a descobrir ou inventar novos caminhos, seus próprios caminhos.

2 Trata-se da pesquisa *Espaços públicos: relações e articulações entre campos disciplinares - teorias e projeto*, com suporte do CNPq (2010 a 2012) e do Fundo Mackenzie de Pesquisa – MACKPESQUISA (2009 e 2011).